

os ladrões

JOSUÉ GUIMARÃES

*Da primeira vez em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...*

(Mário Quintana)

O edifício pronto teria quado muito trinta sacadas. Mas seria um prédio sólido, bem plantado, com seus alicerces firmes como garras no subsolo rochoso, atarracado, erecto. O esqueleto de concreto ainda estava bordado, nos últimos andares, pelo madeirame cru, deixando passar entre os pilares vazados o frio de um inverno que acabava. A caçamba subia com os carrinhos de mão cheios de argamassa. Com pilhas de tijolos arrumadinhos e simétricos. Lá de cima os homens olhavam a cidade, a sua cidade, e viam uma floresta de outros edifícios. Nos pedaços de rua, vislumbrados lá de cima, as formiguinhas frenéticas se agitando. Os prédios mortos com alguns abanos de roupas estendidas em janelas cegas, órbitas vazias, imóveis sob um céu de chuva, nuvens escuras e pesadas tangidas pelo vento frio soprado da Patagônia. Do alto os homens olhavam o mundo e as suas flôres de alvenaria. Era das suas mãos que saíam aquêles grandes cogumelos de pedra, cimento, cal, areia, andaimes. Depois os homens, as mulheres e as crianças, os cães e os gatos, as domésticas e os serventes ocupariam cada um o seu espaço predeterminado. Dois metros quadrados. Seis metros quadrados. Pé-direito com dois metros e oitenta. Razoável tonel de oxigênio para os pulmões das formiguinhas. Água correndo das torneiras,

os canos de esgôto carregando o sal dos habitantes, a campanha informando a visita do carteiro, a chegada do gás e de todos os homens que entregam o pão de cada dia, as compras, os avisos bancários, as contas, as notificações e os telegramas. Os elevadores subindo e descendo, cada um dêles com o seu grande coração fremindo nas entranhas de cimento armado.

O vigia João, metido na sua velha japona ruça, via tôdas as noites quando os pedreiros, os serventes e os carpinteiros iam embora. Uma fila obediente que se esgueirava pelo portãozinho mambembe. Até amanhã, se Deus quiser. Depois João passava uma tranca final e ia inspecionar a obra. Aqui e ali os esquecimentos. Um saco de cimento derramado. Uma torneira pingando ou escorrendo. Uma tábuia ameaçando despencar no abismo, ao menor sôpro. Até que chegava na última laje, com as fôrmas ainda frescas deixando espirrar o cimento mole. E de lá olhava a terra, o seu breve domínio noturno. Como um morcêgo. O negrume perfurado de luzes amarelas. As formiguinhas nas suas tocas, fabricando a grande noite. De longe em longe uma luz vermelha boiando no mar invisível, farol atento e prestimoso, assinalando para os marinheiros desorientados o perigo dos escolhos, prevenindo os pássaros e os abutres, as serpentes e os bichos. João de pé sôbre o mundo. Depois, retornava à terra firme. Tateando os degraus desiguais, sem a muleta do corrimão. Nada para apoiar-se. Adivinhando. Sabendo de cor cada falha do piso, cada degrau partido. Desviando por intuição das barricadas, caixotes, vigas e tijolos.

Tôdas as noites era o mesmo: juntava uns pedaços de pau e fazia fogo. Dêle vinha o calor, a vida. Nêle esquentava o café, a marmitta, acendia o cigarro. E quando as brasas arrefeciam sob a tênue camada de cinza, João quase encostava nelas as solas dos pés e cochilava. Naquela noite repetiu a caminhada pelo depósito de material. Pilhas de sacas de cimento, caixotes com pastilhas de porcelana, azulejos, barricadas de cal, lingotes de ferro, sanitários, pias, canos, pás, fios de prumo. As esquadrias novas guardadas nos desvãos. Tateava as caixas de pregos e enxotava a ratazana que fugia espavorida, grunhindo, aos silvos e guinchos. E voltava para o fogo.

Acordou entorpecido. Não havia mais fogo nem brasa. Madrugada silenciosa. Os ratos se desentocavam do lixo e vinham até êle, catar os farelos de comida e de pão. E retornavam assustados, nervosos. Subiam pelas colunas e brigavam. João ouviu ruídos estranhos e ficou quieto. Ouvia os miseráveis, novamente. Roubavam no depósito. Êles vinham tôdas as noites, ultimamente, e pulavam a cerca e entravam no depósito e ali ficavam entre os ratos, ratos também, enquanto o vigia absorto voltava as solas dos pés para o braseiro extinto. Os bandidos se esgueiravam pelas brechas do

tapume e se aquietavam à espera da madrugada. O vento os ajudava! Soprava nas tábuas soltas e assobiava sinistro. E enquanto isso os malditos se escondendo no cavername, sombras nas sombras, borões de nanquim em tela negra. Melifluos, se confundindo com as trevas. Sorrateiros e confidentes. Vorazes como os ratos. Com êles disputando a prêsã, farejando a caça e o roubo. João entorpecido, tenso e ausente. Dos buracos iluminados da paisagem êles vinham assaltar na calada da noite. Vinham depenar o esqueleto depenado, roer o cimento, mastigar a caliça e beber água nos canos descobertos. Novas sombras nas mil sombras do edificio que crescia. E agora? Seria o uivo do vento entre as fôrmas e frinças ou desde já o assalto dos bandidos ao patrimônio espoliado? Malditos para todo o sempre. Pois deveriam roubar como homens, enfrentando o perigo, desafiando o punhal do vigia, indiferentes às trevas ou à luz explosiva de uma lanterna súbita. Como homens e não como ratos. Sim, eram êles que assaltavam. Ah, os ladrões! Deslizavam calados, escorregadios como vermes, pegajosos. Roendo sempre. As mandíbulas mascavam juntas com o vento, confundindo-se.

João entorpecido e covarde. Inerme. Sem coragem sequer de reavivar as brasas, de assoprar as chamas. Até que a luz rompesse as trevas e êle enxergasse os ladrões miseráveis roubando, assaltando e roubando. João de pés e mãos gelados. O frio trespassando as pernas das calças. Curtindo as orelhas que ouvem o vento, os ratos e os ladrões. E agora arrastavam caixas. O rangido dos pregos sendo arrancados da madeira nova. Um pé-de-cabra rompendo as cintas de aço dos caixotes. Sim, eram os ladrões, seguramente. Brotavam da rua, saíam da sarjeta e dos esgotos e quando o fogo apagava definitivamente, o vigia fechava os olhos para não ver os miseráveis galgarem as cercas e se infiltrarem no depósito e então começarem o assalto. Enquanto êle dormia.



— Sou homem de dormir não, doutor. Chego na minha hora, vejo os homens largar os instrumentos e o serviço, passo a tranca no portão e subo andar por andar. Subir me cansa. Fico no tôpo respirando ar e olhando sempre um pouco para baixo. O tempo só de ganhar fôlego nôvo. E depois sei tudo de cor. São dezoito degraus do último para cá. O quinto dêles tem uma falha. Ali dou um passo maior. Sei onde estão os sacos de cimento e as caixas e os ferros. Decorei, doutor, de tanto subir e descer no meu ofício. Quando chego na terra acendo o fogo para o confôrto da

gente. E alumia em redor e eu vejo os ratos e até dou comida para êles. Me fazem companhia e é bom ficar com algum ser vivo de noite. De hora em hora dou uma volta de informação. Caminho pelo terreno e pelos andares primeiros. Tomo meu café e zelo. Estou pago para isso, doutor. Só não entendo como o senhor me diz que não deram falta de nada. Eu então ando sonhando ou tendo pesadelo, como se um homem que cumpre o seu dever viesse aqui para confessar desídia, doutor. Pois lhe digo que os miseráveis entram não sei quando e nem como. Solertes. Sem ruído. E se misturam com os ratos e com êles se entendem. Aguardam apenas que eu deixe os caminhos do depósito e aí então saem dos esconderijos e assaltam, doutor. Os bandidos enxergam no escuro, como os gatos. Sei que êles roubam e vêm tôdas as noites para roubar mais. Só lhe digo que não sou parceiro e se topo um desses miseráveis em casa alheia Deus Nosso Senhor que me perdoe, que não penso em mulher e muito menos em filho e hei de perfurar o desgraçado enquanto não me faltar fôrça no braço e nem fio no punhal. Doutor, lhe peço, mande fazer um levantamento no estoque. Vai ficar surpreso. Rato não é, que rato é bicho notório. Guincha no cio e na briga. Não tropeça e nem tosse. Rato não se esconde matreiro, mas dispara. E nem muda e nem esconde as coisas. Rato é bicho, doutor. Homem eu conheço. Mesmo de noite, no escuro. Dentro de casa ou nos montes de lixo ou mesmo na sarjeta. Homem eu conheço, modéstia à parte. Sinto o seu cheiro, a respiração, sei quando o estalar de gravetos é provocado por pé de gente. Sei até quando o silêncio é de gente ou é de bicho. Êles vêm de noite e roubam e carregam tudo e o senhor aí a dizer que não roubaram nada, que nada foi levado, que o estoque está perfeito. Contaram os azulejos? As pastilhas, as torneiras, os fios de prumo, os pacotes de pregos? Diga, doutor, contaram tudo isso e ainda dizem que os ladrões não entraram, que os bandidos jamais pularam o tapume e que o vigia é um doido varrido e que sonha à noite em lugar de vigiar?



Pisando ainda o concreto mole João olha para baixo e perscruta a escuridão. A rua deserta mergulhada nas sombras. As mesmas luzes vermelhas sinalizando o perigo para os aviões que se aprestam a aterrissar. As mesmas janelas de luzes amarelas e baças. Atrás dos vidros os homens, as mulheres e as crianças. Os cães e os gatos. As formiguinhas que não triham mais as ruas mal iluminadas. Os telhados vazios. Os quintais mortos. João desce cuidadoso. Salta o quinto degrau quebrado. Livra-se das sacas

de cimento e das vigas. Caminha em silêncio para surpreender os miseráveis roubando e assaltando. O depósito, finalmente. Os ratos que cruzam as réstias de luz e farejam as migalhas. Focinho erguido, antenas vivas, patas ágeis. As duas continhas dos olhos brilhando nas trevas. E quando fogem se unem aos ladrões e confundem os seus ruídos com os dêles. E não temem sequer o fogo de gravetos que João protege para esquentar o café aguado. João mexendo nas chamas e com os olhos perscrutando o negrume do depósito. Com o ouvido atento. Os nervos dilacerados e as batidas do coração repercutindo nas têmeoras. São os ladrões que chegam na madrugada nova. As sombras que escalam a cêrca e desaparecem nas portaladas vazias. Os malditos assaltantes de tôdas as noites. Os miseráveis assaltantes. Mais uma vez aproxima as solas dos pés das brasas e luta contra o sono. Os dedos grossos amassam o cabo do punhal. Lá estão êles arrebetando as fitas de aço dos caixotes. Levando para a rua os pacotes de pregos, as torneiras metálicas, os tijolos e as pastilhas de porcelana. João encolhe as pernas e sente câibras. Tem os braços amortecidos. Quase não sente o cabo do punhal na mão. É hoje que os miseráveis sentirão a fôrça do seu ódio. E com êles morrerão os ratos, todos os cúmplices e apaniguados, os comparsas do assalto, os pequenos gatunos da madrugada. Espera o fogo morrer e esgueira-se em silêncio. Pois serão esmagados como vermes. Pisará com os seus pés sôbre as taturanas rastejantes. E abaterá cada uma das borboletas negras que ousarem fugir do antro que se formou atrás das portaladas vazias. Com a ponta do punhal sangrará as artérias dos bandidos e os afogará no seu próprio sangue derramado. Pois de nada adiantará se homizarem nas grêtas e nas frestas, nos desvãos, de nada servirá buscar a sombra ou a treva, que êle os achará impiedosamente e os eliminará um a um com a ponta de sua arma. A lâmina viva é quase um ser que palpita junto à carne da sua mão. A arma da vingança, do ódio e da desfôrça. A lição servirá para todos os gatunos na noite. Jamais êles entrarão nas estruturas de concreto. São as sombras dêles, os bandidos.



— Êles me pegaram, doutor. Eu disse que êles eram muitos e escalavam a mureta dos fundos e abriam brechas no tapume. E entravam para roubar e assaltar, os desgraçados. Descobri o primeiro entre as esquadrias. Não tinha côr e nem eu via sequer os dentes brancos, os olhos ou as mãos. Apenas o bafo da respiração na minha cara. Era duro como a madeira das portaladas e cheirava a cedro nôvo, quando o enxó cava fundo no cerne.

O outro se derramava pelas quinas dos caixotes e procurava desaparecer como óleo. Outros fugiam com os ratos e com êles se aliavam e se confundiam. E das janelas não acorria ninguém e os homens e as mulheres dormiam e apagavam as luzes amarelas. Doutor, fiz o que pude. O senhor no meu lugar não faria melhor. Sangrei a todos, veja o sangue nas minhas mãos e na minha camisa. Sinto gôsto de sangue na minha bôca. Não se importe, não. Êles me pegaram porque eram muitos e estavam escondidos na sombra. Peço agora que bote mais uns gravetos no fogo, assim alumia a noite e me aquece do frio. É o ventinho danado que vem da Patagônia e que atravessa as pernas da calça e chega até ao osso e que parece regelar a gente, doutor. E as chamas vão espantar os ratos amigos dos bandidos. Sinto mêdo do frio, agora, mas não dêles. Sabe que eu estou tranqüilo, doutor? Um homem deve, primeiro, cumprir o seu dever. E o senhor sabe, cumpri o meu. Êles não voltam mais.



A fogueira virou cinza e os ratos vinham procurar farelos entre o carvão sobrado. Subiam pelo concreto áspero e se faziam ouvir nas brigas e no cio. E nunca mais o homem subiu no esqueleto de cimento, batido pelo frio do fim de inverno, para lá de cima olhar a floresta petrificada com milhares de janelas deixando vaziar a luz amarela e ver as ruas desertas e adivinhar os homens, as mulheres e as crianças deitando a cabeça nos seus travesseiros sem fronha e esperando assustados pelo fim da madrugada e o comêço de um nôvo dia de trabalho.

